

Quinta-feira, 12 de Abril de 1956

RUBEM BRAGA

O DOMINGUES

UM pequeno funcionário do Cais do Pôrto, um guarda, um «chauffeur» e um auxiliar de despachante que esperava a chegada do conerente. A roda era esta e o assunto não podia deixar de ser o navio americano que estava fundeado ali fora esperando atracar, com quase 300 automóveis. Há ~~um~~ ~~quatro~~ assunto mais perto: dois caminhões carregados de contrabando que haviam sido apreendidos na Rio-Bahia.

Houve comentários (que não revelarei) sobre o ministro da Viação, os juizes da Fazenda, o Tribunal de Recursos, etc. Também comentários gerais a respeito do Brasil. E foi no meio de tudo isso que o pequeno funcionário contou a história do português Domingues — que, por sinal, o guarda também conhecia. E essa história creio que vale a pena contar, sem comentar.

O Domingues veio moço para o Brasil, foi burro-sem-rabo, suou muito, juntou uns cobres e acabou dono de duas leiterias. Quando chegou à altura dos 50 anos tinha um bom dinheiro no banco e vários prédios. Deu-lhe na telha então vender seus bens, deixar de trabalhar e ir viver em Portugal. Para lá foi e durante alguns meses entregou-se à boa vida, à boa mesa e ao bom vinho; foi então que «sentiu umas cócegas»: trabalhara a vida inteira, não podia se acostumar a viver ocioso. Passou uns tempos farejando negócios até que resolveu comprar uma leiteria em um bairro de Lisboa.

Quando tomou conta da casa teve uma pequena decepção: a margem de lucro era muito pequena, apenas duzentos réis por litro. Mas o Domingues tinha prática do ramo, e começou a ganhar dinheiro. Ia muito satisfeito com seu negócio quando uma bela madrugada, pelas 3 horas, entraram-lhe pela casa a dentro alguns policiais e um médico do govêrno e foi lavrado um flagrante: êle estava pondo água no leite. Contratou um dos melhores advogados de Portugal e graças a isso estêve apenas um ano na cadeia; mas foi cassada sua licença para negociar e pagou multas tão elevadas que teve de vender seus bens. Logo que se viu livre, nosso bom Domingues voltou para o Brasil para refazer a vida. Com uns cobrinhos que lhe restaram e um pouco mais que um patrício e compadre lhe emprestou, o Domingues abriu uma leiteria no Rio...

«E aqui vou morrer, aqui me enterro — diz o Domingues. Isto aqui é que é uma boa terrinha!».

era a história de

não sei onde.

o governador, um

Esta não é outra vez.